BODAS DE SANGUE

de

F. Garcia Lorca

TRAD: ANTONIO MERCADO

QUADRO I

Casa pintada de amarelo

NOIVO (*entrando*) – Mãe.

MÃE – Que é?

NOIVO – Já vou.

MÃE – Aonde?

NOIVO – Para a vinha. (*Vai sair.*)

MÃE – Espere.

NOIVO – Quer alguma coisa?

MÃE – Filho, o almoço.

NOIVO – Deixa. Vou comer uvas. Me dá a navalha.

MÃE – Para quê?

NOIVO (*rindo*) – Para cortar as uvas.

MÃE (*entre dentes e procurando-a*) A navalha, a navalha... Malditas sejam todas as navalhas, e o canalha que as inventou.

NOIVO – Vamos mudar de assunto.

MÃE – Não sei como você se atreve a levar uma navalha no corpo, nem sei como ainda deixo essa serpente dentro do baú.

NOIVO – Ora!

MÃE – Como é possível que uma coisa tão pequena como uma pistola ou uma navalha possa dar cabo de um homem? Um homem bonito, com sua flor na boca, que vai para as vinhas ou para os olivais que tem, porque são dele, herdados...

NOIVO (*baixando a cabeça*) Chega, mãe.

MÃE – ... e esse homem não volta.

NOIVO (*forte*) – Vamos parar?

MÃE – Não. Não vamos parar. Alguém pode me trazer seu pai de volta? E seu irmão? Dois homens que eram dois gerânios... sem fala, viraram pó. E os assassinos, no presídio, folgados, olhando a paisagem...

NOIVO – Já não chega?

MÃE – Não vou me calar nunca. Os meses passam e o desespero me perfura os olhos e pica até nas pontas do cabelo.

NOIVO – E o que você quer, que eu os mate?

MÃE – Não.. Eu falo só porque... É que não gosto que você leve a navalha. É que... que não queria que você saísse para o campo.

NOIVO (*rindo*) – Ora!

MÃE – Como eu gostaria que você fosse mulher! Agora, nós duas ficaríamos aqui bordando cortinas e cachorrinhos de lã.

NOIVO (*pega a* MÃE *pelo braço e ri*) – Mãe, e se eu levasse você comigo para as vinhas?

MÃE – Que é que uma velha vai fazer nas vinhas?

NOIVO (*levantando-a nos braços*) Velha, revelha, requitivelha!

MÃE – Seu pai, sim, é que me levava. Boa casta. Sangue. Seu avô deixou um filho em cada esquina. Assim é que eu gosto. Os homens, homens; o trigo, trigo.

NOIVO – E eu, mãe?

MÃE – Você, o quê?

NOIVO – Preciso dizer tudo de novo!

MÃE (*séria*) – Ah!

NOIVO – Você acha ruim?

MÃE – Não.

NOIVO – E então?...

MÃE – Nem eu mesma sei. Assim, de repente, me assusta. Eu sei que a moça é boa. Não é mesmo? Comportada. Trabalhadeira. Amassa seu pão, costura os vestidos, e mesmo assim, quando falo nela, é como se me dessem uma pedrada na testa.

NOIVO – Bobagem.

MÃE – Bobagem, mesmo. É que eu vou ficar só. Agora já não tenho mais ninguém, só você, e me dói que vá embora.

NOIVO – Mas você vem conosco.

MÃE – Não. Não posso deixar seu pai e seu irmão aqui, sozinhos. Tenho que ir lá todas as manhãs, e se eu for embora pode ser que morra um dos Félix, um da família dos assassinos, e seja enterrado junto deles. E isso nunca! Não! Isso nunca! Porque eu o desenterro com as minhas próprias unhas, sozinha, e esmago na parede.

NOIVO (*forte*) Já começou de novo.

MÃE – Desculpe. (*Pausa*.) Faz quanto tempo, esse namoro?

NOIVO – Três anos.

MÃE – Três anos…

NOIVO – Até que enfim, consegui comprar a vinha.

MÃE – Ela teve um noivo antes, não teve?

NOIVO – Não sei. Acho que não. As moças têm que saber com quem se casam, olhar bem.

MÃE – Eu não olhei para ninguém. Olhei para seu pai, e quando o mataram olhei para a parede em frente. Cada mulher com seu homem, e pronto!

NOIVO – Você sabe que minha noiva é séria.

MÃE – Não duvido. Mesmo assim, sinto não saber como foi a mãe dela.

NOIVO – Para quê?

MÃE (*olhando-o*) – Filho.

NOIVO – Que é?

MÃE – Você tem razão! Quando quer que eu vá pedir a moça?

NOIVO (*alegre*) – Domingo, está bem?

MÃE – Isso, isso, e tomara que você me alegre com uns seis netos, ou mais, se tiver gana, que seu pai não teve tempo de me fazer outros filhos.

NOIVO – O primeiro é seu.

MÃE – Bom, mas que haja meninas. Pois eu quero bordar e fazer renda e ficar tranqüila.

NOIVO – Tenho certeza de que vai gostar da minha noiva.

MÃE – Vou gostar, sim. (*Vai beijá-lo e reage*.) Vá, você Já está muito grande para beijos. Guarde os beijos para a sua mulher. (*Pausa. A parte*) Quando já for sua.

NOIVO – Vou indo.

MÃE – E cavem bem aquela parte junto do moinho, que anda meio descuidada.

NOIVO – Pode deixar.

MÃE – Vá com Deus. (*O* NOIVO *sai. A* MÃE *fica sentada de costas para a porta. aparece na porta uma* VIZINHA *vestida de escuro, com um lenço na cabeça.*) Entre.

VIZINHA – Corno vai?

MÃE – Assim.

VIZINHA – Fui até o armazém e passei para ver você. Vivemos tão longe!

MÃE – Faz vinte anos que não subo até o alto da rua.

VIZINHA – Você está bem.

MÃE – Acha?

VIZINHA – As coisas passam. Há dois dias trouxeram o filho da minha vizinha com os dois braços cortados pela máquina. (*Senta-se*.)

MÃE – Rafael?

VIZINHA – É. E lá está ele. Às vezes fico pensando que o seu filho e o meu estão melhor onde estão, dormindo, descansando, e não expostos a ficar inúteis.

MÃE – Fica quieta. Tudo isso são bobagens, não consolam ninguém.

VIZINHA – Ai!

MÃE – Ai! (*Pausa*.)

VIZINHA (*triste*) E seu filho?

MÃE – Saiu.

VIZINHA – Já comprou a vinha!

MÃE – Teve sorte.

VIZINHA – Agora vai se casar.

MAE (*como que despertando e aproximando sua cadeira da* VIZINHA) Escute.

VIZINHA (*em tom confidencial*) – Diga.

MÃE – Você conhece a noiva de meu filho?

VIZINHA – Boa moça!

MÃE – É, mas...

VIZINHA – Mas conhecer, mesmo, a fundo... ninguém conhece. Vive sozinha lá com o pai, tão longe, a dez léguas da casa mais próxima. Mas é boa. Acostumada à solidão.

MÃE – E a mãe dela?

VIZINHA – Essa, eu conheci. Bonita. Tinha uma cara que brilhava como a de um santo; mas nunca me agradou nem um pouco. Não gostava do marido.

MÃE (*forte*) – Mas que gente para saber das coisas.

VIZINHA – Perdão. Não queria ofender; mas a verdade é essa. Agora, se ela foi honesta ou não, ninguém sabe. Nunca se falou nisso. Ela era orgulhosa.

MÃE – Sempre a mesma coisa!

VIZINHA – Você é que me perguntou.

MÃE – É que eu queria que ninguém conhecesse as duas, nem a viva e nem a morta. Que fossem como dois cactos, de que ninguém fala, e que espetam se for preciso.

VIZINHA – Tem razão. Seu filho vale muito.

MÃE – Vale. Por isso é que tomo cuidado. Me disseram que a moça teve um noivo, tempos atrás.

VIZINHA – Quando tinha uns quinze anos. Ele se casou já faz dois anos – com uma prima dela, por sinal. Ninguém lembra mais do noivado.

MÃE – E como é que você se lembra?

VIZINHA – Você me faz cada pergunta!...

MÃE – E quem não se interessa por suas próprias dores? (*Pausa*.) Quem era o noivo?

VIZINHA – Leonardo.

MÃE – Que Leonardo?

VIZINHA – O Leonardo dos Félix.

MÃE (*levantando-se*)Dos Félix!

VIZINHA – Mulher, que culpa tem Leonardo? De que? Ele tinha oito anos no tempo das brigas.

MÃE – É verdade... Mas é só ouvir falar em Félix e é como – (*entre dentes*) Félix! – como se me enchessem a boca de lama (*cospe*) e tenho que cuspir, tenho que cuspir para não matar.

VIZINHA – Calma! Que é que você ganha com isso?

MÃE – Nada. Mas você compreende.

VIZINHA – Não vá contra a felicidade do seu filho. Não diga nada a ele. Você está velha. Eu também. As duas, caladas; assim é que deve ser.

MÃE – Não vou dizer nada.

VIZINHA (*beijando-a*) Nada.

MÃE (*serena*) – As coisas!...

VIZINHA – Vou indo, que daqui a pouco a minha gente chega do campo.

MÃE – Já viu que dia mais quente?

VIZINHA – Iam negros os meninos que levam água para os segadores. Adeus, mulher.

MÃE – Adeus. (*Dirige-se para a porta da esquerda. No meio do caminho pára e benze-se lentamente*.)

CAI O PANO

QUADRO II

Casa pintada de cor-de-rosa. É de manhã. Sogra de Leonardo embalando uma criança nos braços. A mulher faz tricô.

Nana meu menino
do cavalo grande
que não quis a água.
A água era negra
por dentro das ramas!
Quando chega à ponte,
ali para e canta.

Quem dirá, menino,
o que tem a água
de tão longa cauda
em tão verde sala?

Dorme cravo meu,
que o cavalo não quer mais beber,
Dorme, dorme meu rosal,
que o cavalo começa a chorar.

As patas feridas,
a crina gelada,
e dentro dos olhos
um punhal de prata.
Entravam no rio,
ai, tão fundo entravam!
o sangue corria
Mais forte que a água..

Dorme cravo meu,
que o cavalo não quer mais beber,
Dorme, dorme meu rosal,
que o cavalo começa a chorar.

Não quis nem tocar
as margens molhadas
o focinho ardendo
com moscas de prata.
Para os montes duros
é que relinchava
com o rio morto
na sua garganta.

Ai, cavalo grande
que não quis a água!
Ai, ai, dor de neve,
Corcel da alvorada!

Não venhas, não. Pára!
Cerra esta janela
com ramas de sonho
E sonhos de hera.
Meu menino dorme.
Meu menino cala.
Cavalo, meu filho
tem a sua cama.
Um berço de ferro,
e colcha de Holanda.

Nana, nana, nana.

Ai, cavalo grande
que não quis a água!

Não venhas, não entres!
Vai para a montanha,
por vales de sombra
onde a égua pasta.

Meu filho adormece.

Menino, descansa.

Dorme cravo meu,
que o cavalo não quer mais beber,
Dorme, dorme meu rosal,
que o cavalo começa a chorar.

(Levam o menino para dentro. Entra Leonardo)

LEONARDO – E o menino?

MULHER – Já dormiu.

LEONARDO – Ontem não, passou bem. Chorou, de noite.

MULHER (*alegre*) – Hoje está que parece urna dália. E você? Foi à casa do ferreiro?

LEONARDO – Estou vindo de lá. Parece incrível! Faz mais de dois meses que fico pondo ferraduras novas no cavalo, e elas vivem caindo. Pelo jeito, arranca todas nas pedras

MULHER – Não será porque você abusa?

LEONARDO – Não. Quase não saio com ele.

MULHER – Ontem as vizinhas me contaram que você esteve na divisa dos campos.

LEONARDO – Quem foi que disse?

MULHER – As mulheres que colhem alcaparras. Eu estranhei, é claro. Era você?

LEONARDO – Não. Que é que ia fazer por lá, naquele deserto?

MULHER – Foi o que eu disse. Mas o cavalo estava se desfazendo, em suor.

LEONARDO – Você foi ver?

MULHER – Eu, não; minha mãe.

LEONARDO – Ela está com o menino?

MULHER – Está. Quer uma limonada?

LEONARDO – Com água bem fria.

MULHER – E você nem veio comer!

LEONARDO – Fiquei com os medidores do trigo. Demorados como sempre.

MULHER (*fazendo a limonada, e muito terna*) E o preço é bom?

LEONARDO – É o justo.

MULHER – Estou precisando de um vestido, e o menino de um gorro com laços.

LEONARDO *(levantando–se)* – Vou ver o garoto

MULHER – Cuidado, que ele está dormindo.

SOGRA (*entrando*) – Mas quem anda correndo desse jeito no cavalo? Está lá em baixo, exausto, de olhos esbugalhados, como se tivesse chegado do fim do mundo.

LEONARDO – Eu.

SOGRA – Então desculpe; é seu, mesmo.

MULHER (*tímida*) – Estava com os medidores do trigo.

SOGRA – Para mim tanto faz… Que arrebente! (*Senta–se. Pausa*.)

MULHER – A limonada. Está fria?

LEONARDO – Está.

MULHER – Sabe que vão pedir minha prima?

LEONARDO – Quando?

MULHER – Amanhã. As bodas serão daqui a um mês. Espero que venham convidar a gente.

LEONARDO (*sério*) – Não sei

SOGRA – Acho que a mãe dele não estava lá muito satisfeita com o casamento.

LEONARDO – E talvez tenha razão. Ela é danada.

MULHER – Não gosto que você pense essas coisas de uma moça direita.

SOGRA – Mas se ele diz isso é porque sabe. Você esqueceu que ela foi sua noiva por três anos? (*Com intenção*.)

LEONARDO – Mas larguei dela. (*Para sua mulher*) Vai chorar, agora? Chega! (*Arranca–lhe bruscamente as mãos do rosto*.) Vamos ver o menino. (*Saem abraçados*.)

(Aparece a Menina, alegre. Entra correndo.)

MENINA – Senhora.

SOGRA – Que é?

MENINA – O noivo chegou na loja e comprou tudo o que havia

SOGRA – Veio sozinho?

MENINA – Não, com a mãe dele. Séria, alta. (*Imita–a.)* Mas que luxo!

SOGRA – Eles têm dinheiro.

MENINA – E compraram umas meias rendadas! Ai. Que meias Toda mulher sonha com meias assim! Olhe só! Uma andorinha aqui (*aponta o tornozelo*), um barco aqui (*aponta a barriga da perna*), e aqui uma rosa (*aponta a coxa*).

SOGRA – Menina!

MENINA – Urna rosa com os botões e o cabo. Ah! E toda de seda!

SOGRA – Vão se juntar dois bons capitais.

(*Aparecem Leonardo e a Mulher*.)

MENINA – Vim contar o que eles estão comprando.

LEONARDO (*forte*) – Não interessa!

MULHER – Mas deixe

LEONARDO – Fora daqui!

SOGRA – Leonardo, não é para tanto.

MENINA – Com licença. (*Sai chorando*)

SOGRA – Por que essa mania de brigar com as pessoas?

LFONARDO – Não pedi a sua opinião. (*Senta–se*.)

SOGRA – Muito bem.(*Pausa*.)

MULHER (*a Leonardo*) – O que há com você? Que idéia está remoendo nessa cabeça? Não me deixe assim, sem saber de nada.

LEONARDO – Chega.

MULHER – Não. Quero que olhe para mim, e me diga o que e.

LEONARDO – Me deixe em paz. (*Levanta-se*.)

MULHER – Aonde vai, meu filho?

LEONARDO (*áspero*) – Quer calar a boca?

SOGRA (*enérgica, para sua filha*) – Quieta! (*Leonardo sai*) O menino! (*Sai e torna a entrar com ele nos braços. A Mulher permanece de pé, imóvel)*

MULHER (*voltando-se lentamente e como que sonhando, cantarola a Nana*) – Dorme, cravo meu….

CAI O PANO

QUADRO III

Interior da *cueva* onde mora a noiva. No fundo, uma cruz de grandes flores cor-de–rosa. Portas redondas, com cortinas de renda e laços cor–de–rosa. Nas paredes, de material branco e duro, leques redondos, jarros azuis e pequenos espelhos.

CRIADA – Entrem… (*Muito amável, cheia de hipocrisia humilde. Entram o Noivo e sua Mãe. A Mãe de cetim preto, com mantilha de renda. O Noivo, de algodão listrado de preto, com uma grande corrente de ouro.)* Não querem sentar? Eles vêm já-já. (*Sai*.)

(A Mãe e o Filho ficam sentados - imóveis como estátuas. Longa pausa.)

MÃE – Trouxe o relógio?

NOIVO – Trouxe. (*Tira-o e olha*.)

MÃE – Temos que voltar a tempo. Como mora longe, esta gente

NOIVO – Mas as terras são boas.

MÃE – Boas, mas muito desertas. Quatro horas de viagem e nem uma casa, nem uma árvore.

NOIVO – É que as terras são secas.

MÃE – Seu pai teria coberto tudo isto de árvores.

NOIVO – Sem água?

MÃE – Já teria arranjado. Nos três anos que ficou casado comigo, plantou dez cerejeiras. (*Recordando*.) As três nogueiras do moinho, uma vinha inteira e uma planta que se chama Júpiter, que dá flores encarnadas, e secou.

(Pausa.)

NOIVO (*pela Noiva*) – Deve estar se vestindo.

(Entra o Pai da noiva. É velho. com o cabelo branco e reluzente. Vem de cabeça inclinada. A Mãe e o Noivo levantam-se e ficam de mãos dadas, em silêncio)

PAI – Muito tempo de viagem?

MÃE – Quatro horas. (*Sentam–se.)*

PAI – Vieram pelo caminho mais longo.

MÃE – Já estou velha demais para andar pelos barrancos do rio.

NOIVO – Tem tontura. (*Pausa*)

PAI – Boa colheita de rami.

NOIVO – Boa, mesmo.

PAI – No meu tempo, nem rami dava esta terra. Foi preciso castigá-la e até chorar sobre ela para que nos desse algo que prestasse.

MÃE – Mas agora dá. Não se queixe. Eu não vim lhe pedir nada.

PAI (*sorrindo*) – Você é mais rica do que eu. As vinhas valem uma fortuna. Cada ramo, uma moeda de prata. Só me dá pena é que as terras, entende? … fiquem separadas. Eu gosto é de tudo junto. Tenho um espinho no coração: é aquela hortazinha encravada no meio das minhas terras, que não querem me vender nem por todo o ouro do mundo.

NOIVO – É sempre assim.

PAI – Se a gente pudesse, com vinte juntas de bois, trazer suas vinhas para cá, estendê–las lá na encosta! Que alegria!

MÃE – Pra quê?

PAI – O que é meu é dela. E o que é seu é dele. Por isso. Para ver tudo junto: junto é que dá gosto!

NOIVO – E dava menos trabalho;

MÃE – Quando eu morrer, vendam aquilo, e comprem aqui ao lado.

PAI – Vender, vender! Bah! Comprar, filha, comprar tudo! Se eu tivesse tido filhos tinha comprado este monte inteiro, até a beira do riacho. Porque não é boa terra, não; mas havendo braços, fica boa, e como não passa ninguém, não roubam os frutos da gente, e dá para se dormir tranqüilo. (*Pausa*.)

MÃE – Sabe por que vim.

PAI – Sei.

MÃE – E então?

PAI – Acho bom. Eles já se entenderam.

MÃE – Meu filho tem e pode.

PAI – Minha filha também.

MÃE – Meu filho é bonito. Nunca conheceu mulher. Tem a honra mais limpa que um lençol estendido no varal.

PAI – Da minha, digo o mesmo. Prepara o mingau às três, com a estrela da manhã. Não fala nunca; suave como a lã, borda todo tipo de bordados e pode cortar uma corda com os dentes.

MÃE – Que Deus abençoe sua casa.

PAI – Que Deus a abençoe.

(Aparece a Criada com duas bandejas. Uma com taças e a outra com doces.)

MÃE (*ao Filho*)– Pra quando quer as bodas?

NOIVO – Quinta–feira que vem.

PAI – Dia em que ela faz vinte e dois anos justos

MÃE – Vinte e dois anos! A idade do meu filho mais velho, se estivesse vivo. Vivo, sim, valente e macho como era, se os homens não tivessem inventado as navalhas.

PAI – É melhor não pensar nisso!

MÃE – Cada minuto. Trago a mão apertada no peito.

PAI – Então, quinta-feira. Certo?

NOIVO – Certo.

PAI – Os noivos e nós vamos de coche até a igreja, que é muito longe, e os convidados vão nos carros e nas montarias que trouxerem.

MÃE – De acordo.

(Entra a Criada.)

PAI – Diga a ela que já pode vir! (*Para a Mãe*). Vai ser urna grande alegria para mim, se gostar dela.

(Aparece a Noiva. Tem as mãos caídas em atitude modesta e a cabeça baixa.)

MÃE – Venha cá. Está contente?

NOIVA – Sim, senhora

PAI – Não precisa ficar tão séria. Afinal de contas, ela vai ser sua mãe.

NOIVA – Estou contente. Se dei o sim é porque eu quis.

MÃE – Naturalmente. (*Segura–lhe o queixo*.) Olhe para mim.

PAI – É igualzinha à minha mulher.

MÃE – É? Que olhar bonito! Sabe o que é casar, criatura?

NOIVA (séria) – Sei.

MÃE – Um homem, uns filhos e uma parede de duas varas de largura, pra todo o resto.

NOIVO – E é preciso mais?

MÃE – Não. Que vivam todos, isso sim! Que vivam!

NOIVA – Vou cumprir com a minha parte.

MÃE – São presentes, para você.

NOIVA – Obrigada.

PAI – Aceita alguma coisa?

MÃE – Eu não quero. (*Ao Noivo*) E você?

NOIVO – Aceito. (*Pega um doce. A Noiva pega outro.)*

PAI (*ao Noivo*) – Vinho?

MÃE – Ele não bebe.

PAI – Melhor! (*Pausa. Todos estão de pé*.)

NOIVO (*para a Noiva*) – Amanhã eu venho.

NOIVA – A que horas?

NOIVO – Às cinco

NOIVA – Fico esperando

NOIVO – Quando saio de perto de você sinto um abandono tão grande que me dá um nó na garganta.

NOIVA – Quando for meu marido, não vai mais sentir.

NOIVO – Isso eu garanto.

MÃE – Vamos. O sol não espera. (*Ao Pai*) De acordo, em tudo?

PAI – De acordo.

MÃE (*À criada*) – Adeus, mulher.

CRIADA – Vão com Deus.

(A Mãe beija a Noiva e vão saindo em silêncio)

MÃE (*da porta*) – Adeus, filha (*A Noiva responde com a mão.)*

PAI – Acompanho vocês. (*Saem*.)

CRIADA – Estou louca para ver os presentes!

NOIVA (*áspera*) – Pára com isso.

CRIADA – Ah, menina, deixa eu ver!

NOIVA – Não quero.

CRIADA – Só as meias. Dizem que são todinhas de renda. Vamos!

NOIVA – Já disse que não!

CRIADA – Meu Deus do céu! Está bem. Até parece que você não tem vontade de casar!

NOIVA (*mordendo a mão, com raiva*) – Ah!

CRIADA – Menina, minha filha, o que é que você tem? É pena de deixar sua vida de rainha? Não pense em coisas tristes. Tem algum motivo? Nenhum. Vamos ver os presentes. (*Pega caixa*.)

NOIVA (*agarrando-a pelos pulsos*) – Larga!

CRIADA – Ai, mulher!

NOIVA – Larga, já disse.

CRIADA – Você tem mais força que um homem.

NOIVA – Já não fiz trabalhos de homem? Tomara que fosse mesmo!

CRIADA – Não diga isso!

NOIVA – Já mandei ficar quieta! Vamos mudar de assunto.

(A luz vai sumindo de cena. Pausa longa.)

CRIA DA – Você ouviu um cavalo, ontem à noite?

NOIVA – A que horas?

CRIADA – Às três.

NOIVA – Devia ser um cavalo desgarrado.

CRIA DA – Não. Tinha cavaleiro

NOIVA – Como é que você sabe?

CRIADA – Porque eu vi. Ficou parado na sua janela. Achei muito esquisito.

NOIVA – Não podia ser meu noivo? De vez em quando ele vem a essa hora.

CRIADA – Não era seu noivo.

NOIVA – E viu quem era?

CRIADA – Vi.

NOIVA – Quem era?

CRIADA – Era Leonardo.

NOIVA (*forte*) – Mentira! Mentira! Pra que ele viria aqui?

CRIADA – Veio.

CRIADA – Cala a boca! Maldita seja essa tua língua!

(Ouve-se o galopar de um cavalo.)

CRIADA (à janela) – Vem ver. Não era ele?

NOIVA – Era!

CAI O PANO RAPIDAMENTE.

ATO II

QUADRO 1

Pátio da casa da Noiva. *É* noite. A Noiva entra vestida com anáguas brancas pregueadas) cheias de entremeios e bicos de renda, e um corpete branco, com os braços nus. A Criada, com a mesma roupa.

CRIADA – Vou acabar esse penteado aqui fora.

NOIVA – Não dá pra ficar lá dentro, de tanto calor.

CRIADA – Esta terra é abafada até de madrugada.

(A Noiva senta-se em uma cadeira baixa e olha se num espelhinho de mão. A Criada a penteia)

NOIVA – Minha mãe era de um lugar onde havia muitas árvores. De terra rica.

CRIADA – Ela era assim. Tão alegre!

NOIVA – Mas se consumiu aqui.

CRIADA – O destino.

NOIVA – Como nos consumimos todas. Sai fogo dessas paredes. Ai. Não puxa tanto!

CRIADA – É pra ajeitar melhor esta onda. Quero que fique caída na testa. *(A Noiva olha-se no espelho.)* Você 'tá tão linda! Ah! *(Beija-a carinhosamente.)*

NOIVA *(séria)* – Penteia mais.

CRIADA *(penteando-a)*–Você é que é feliz: vai abraçar um homem, e beijar, e sentir o peso dele!

NOIVA – Cala a boca!.

CRIADA – E o melhor vai ser quando acordar, e sentir que ele esta bem ao seu lado, com a respiração roçando os seus ombros, como se fosse uma peninha de rouxinol.

NOIVA *(forte)* – Quer ficar quieta?

CRIADA – Mas menina! As bodas, o que são? As bodas são isso, e nada mais. São os doces, por acaso? São os ramos de flores? Não. É uma cama brilhando, um homem e uma mulher.

NOIVA – Não se deve falar nisso.

CRIADA – Bom, isso é outra coisa. Mas que é bem gostoso, é!

NOIVA – Ou bem amargo.

CRIADA – Vou pôr as flores de laranjeira daqui até aqui. pra que a grinalda apareça mais no penteado. *(Experimenta um, ramo de flores de laranjeira.)*

NOIVA *(olha-se no espelho)*– Dá aqui. *(Pega o ramo, olha-o e deixa cair a cabeça. abatida.)*

CRIADA – Que foi, agora?

NOIVA – Me deixa

CRIADA – Não é hora de ficar triste. *(Animada)* Me dá aqui esse ramo. *(A Noivo joga-o fora.)* Menina! Quer chamar desgraça, jogando a grinalda no chão? Levanta essa cara! Não quer se casar? É isso? Então fala. Ainda é tempo de se arrepender *(Levanta se)*

NOIVA – São nuvens. Um mal-estar que vem de dentro. Quem nunca sentiu?

CRIADA – Você gosta do seu noivo.

NOIVA – Gosto.

CRIADA – Gosta, sim, que eu sei.

NOIVA – Mas este é um passo muito grande.

CRIADA – Que é preciso dar.

NOIVA – Já me comprometi.

CRIADA – Agora vou pôr a grinalda.

NOIVA *(senta-se)*– Depressa, que já devem estar chegando

CRIADA – Já devem ter saído há duas horas, pelo menos.

NOIVA – Daqui até a igreja. é longe?

CRIADA – Cinco léguas pelo riacho; mas pelo caminho é o dobro. *(A Noiva levanta-se e a Criada se entusiasmo ao vê-la.)*

Despertem a noiva
na manhã de suas bodas.
Que os rios do mundo
tragam a coroa

NOIVA *(sorrindo)*– Vamos.

CRIADA *(beija-a entusiasmada. e dança ao.seu redor)*

Que desperte
Com o ramo verde
do loureiro-em-flor
Que desperte pelo tronco e pelos ramos dos loureiros.

(Ouvem-se pancadas fortes na porta.)

NOIVA – Vai abrir. Devem ser os primeiros convidados. (*Sai*.)

(A Criada abre, surpresa.)

CRIADA – Você?

LEONARDO – Eu mesmo. Bom dia..

CRIADA – O primeiro!

LEONARDO – Não me convidaram?

CRIADA – É.

LEONARDO – Então eu vim.

CRIADA – E a tua mulher?

LEONARDO – Vim a cavalo. Ela deve estar chegando pelo caminho.

CRIADA – Não encontrou ninguém?

LEONARDO – Passei por eles a cavalo.

CRIADA – Vai acabar matando o animal de tanta correria.

LEONARDO – Se morrer, morreu.

CRIADA – Sente-se. Ninguém se levantou ainda.

LEONARDO – E a noiva?

CRIADA – Vou vesti-Ia agora mesmo.

LEONARDO – A noiva! Deve estar contente!

CRIADA *(mudando de assunto)* – E o menino?

LEONARDO – Qual?

CRIADA – Seu filho.

LEONARDO *(recordando, meio sonolento)*– Ah!

CRIADA – Vem com a mãe?

LEONARDO – Não.

(Pausa. Vozes cantando, muito longe.)

VOZES – Despertem a noiva / Na manhã de suas bodas!

LEONARDO – Despertem a noiva. / Na manhã de suas bodas.

CRIADA – São os convidados. Mas ainda estão longe.

LEONARDO *(levantando-se.)*– A noiva vai usar urna grinalda bem grande. Não devia ser tão grande. Uma pequena, assim ficaria melhor. E o noivo? Já trouxe as flores de laranjeira que ela deve pôr no peito?

NOIVA *(aparecendo, ainda de anáguas e grinalda na cabeça)* – Trouxe.

CRIADA *(forte)* – Não saia desse jeito.

NOIVA – Que é que tem? *(Séria)* Por que pergunta se trouxeram as flores de laranjeira? É com intenção?

LEONARDO – Nenhuma. Que intenção podia ter? *(Aproximando-se)* Você me conhece bem, e sabe que não tenho intenção alguma. Me diz: quem fui eu pra você? Refresca essa memória. Mas dois bois e uma choça é quase nada. Isso é que dói.

NOIVA – O que veio fazer aqui?

LEONARDO – Ver o seu casamento.

NOIVA – Eu também vi o seu!

LEONARDO – Amarrado por você, feito pelas tuas mãos. Podem me matar, se quiserem, mas não podem me cuspir. E o ouro, que brilha tanto, algumas vezes cospe.

NOIVA – Mentira!

LEONARDO – Não quero falar, porque sou homem de sangue e não quero que todos estes montes escutem a minha voz.

NOIVA – A minha seria mais forte

CRIADA – Parem com isso! Você não tem nada que falar do passado! *(A Criada olha para* a *porta, inquieta.)*

NOIVA – Tem razão. Eu não devia nem falar com ele. Mas a minha alma incendeia porque vem me ver. Vai embora, e espera tua mulher lá na porta.

LEONARDO – Será que você e eu não podemos falar?

CRIADA *(com raiva)* – Não, não podem falar.

LEON ARDO – Depois do meu casamento, tenho pensado noite dia de quem era a culpa e cada vez que penso vem uma culpa nova, que engole a outra mas sempre há culpa!

NOIVA – Um homem com seu cavalo sabe muito e pode muito pra abusar de uma moça metida num deserto. Mas eu tenho o orgulho. Por isso me caso E vou viver encerrada com meu marido, a quem tenho que amar acima de tudo.

LEONARDO – O orgulho não vai te adiantar nada. *(Aproxima-se).*

NOIVA – Não se aproxime!

LEONARDO – Calar e queimar por dentro é o maior castigo que a gente pode sem impor. De que me serviu ter orgulho ? De nada! Só serviu pra atear meu fogo. Porque você acha que o tempo cura e que as parede tampam e não é verdade. Não é verdade! Quando as coisas chegam ao fundo, não se arrancam mais

NOIVA *(tremendo)* – Não posso ouvir você. Não posso ouvir tua voz É como se eu bebesse uma garrafa de anis e adormecesse numa colcha de rosas. E me arrasta e sei que me afogo, mas vou atrás.

CRIADA *(agarrando Leonardo pela lapela)*– Você tem que ir embora já!

LEONARDO – É a última vez que vou falar com ela. Não tenha medo.

NOIVA – E sei que estou louca. sei que o meu peito não agüenta mais. E fico aqui parada, ouvindo o que ele diz vendo o seu jeito de andar, os seus braços.

LEONARDO – Não ficava tranqüilo enquanto não te dissesse essas coisas. Eu me casei. Casa você agora!

CRIADA *(a Leonardo)* – E casa, mesmo!

VOZES *(cantando mais perto)*– Desperte a noiva / Na manhã de suas bodas

NOIVA – Desperte a noiva! *(Sai correndo para o quarto.)*

CRIADA – Já estão aqui (*A Leonardo)* Nunca mais chegue perto dela

LEONARDO – Não se preocupe. *(Sai pela esquerda.)*

(Começa a clarear o dia. Entra a Primeira Moça.)

CORO – Desperte a noiva
na manhã de suas bodas
Que rodem as rondas,
e nas sacadas, mil coroas.

Despertem a noiva!

Que desperte com o ramo verde do loureiro em flor
Que desperte pelos troncos e os ramos dos loureiros!

Que desperte, cabelos compridos,
Vestida de neve,
Botas de verniz e prata
Ramos de jasmins na testa.

Ai pastora,
Vai nascendo a lua!

Ai, rapaz,
Deixa o teu sombreiro lá nos olivais!

Desperte a noiva!

A noiva já pôs sua branca coroa
E o noivo a enfeita com laços de ouro.

CRADA – A noiva, tão branca noiva.
hoje, donzela.
amanhã, senhora.

PAI *(entrando)* – A mulher de um capitão
Vai levar consigo o noivo
Que já vem com seu gado, pelo tesouro!

CORO – O noivo parece a flor do ouro.
Quando caminha,
a seus pés nascem ramos de cravinas.

Ai, menina de sorte!

Que desperte a noiva!

Ai minha bela!
A boda te chama
pela janela!
Que venha essa noiva!
Que venha, que venha!

CRIADA – Que toquem e repiquem
as campanas!
Que venha aqui, que saia já!
Como um touro, as bodas se elevam no ar!

(Aparece a Noiva. Vem com um vestido *preto à* moda de mil e novecentos, com anquinhas e cauda longa rodeada de gaze plissada e renda duras. Sobre o penteado. na testa traz a grinalda de flores de laranjeira As guitarras tocam. As moças beijam a noiva.)

TERCEIRA MOÇA – Que perfume você pôs no cabelo?

NOIVA *(rindo)* – Nenhum.

SEGUNDA MOÇA *(olhando o vestido)* – Que fazenda mais linda!

PRIMEIRO MOÇO – E aqui está o noivo!

NOIVO – Salve!

PRIMEiRA MOÇA *(pondo-lhe uma flor na orelha)*

– O noivo parece a flor do ouro.

SEGUNDA MOÇA – Brisas de sossego emanam seus olhos!

(O Noivo vai para o lado da Noiva.)

NOIVA – Por que pós esses sapatos?

NOIVO – São mais alegres do que os pretos.

MULHER DE LEONARDO *(entrando e beijando a Noiva)* – Salve!

(Falam todos em algazarra.)

LEONARDO *(entrando, como quem cumpre um dever)*
Na manhã do casamento
A grinalda te poremos.

MULHER – Para que o campo se alegre
nas águas do teu cabelo.

MÃE – Mas esses também vieram?

PAI – São da família. Hoje é dia de perdoar!

MÃE – Eu calo, mas não perdôo.

NOIVO – Com a grinalda, dá gosto ver você.

NOIVA – Vamos logo pra a igreja!

NOIVO – Está com pressa?

NOIVA – Estou. Quero ser sua mulher e ficar sozinha com você e só ouvir tua voz, mais nenhuma.

NOIVO – É assim que eu quero!

NOIVA – E só ver os seus olhos mais nada. E você há de me abraçar tão forte que mesmo que ouvisse o chamado de minha mãe, que está morta, eu não poderia me desgarrar.

NOIVO – Eu tenho forca nos braços. Vou te abraçar quarenta anos seguidos.

NOIVA *(dramática, agarrando-lhe o braço)* – Sempre!

PAI – Vamos logo! Peguem as montarias e os carros, que o sol já saiu.

MÃE – E tomem cuidado! Não vá nos acontecer algum desgraça.

(Começam a sair.)

CRIADA (chorando) – Ao saíres de casa, branca donzela, / recorda-te que saís como uma estrela.

PRIMEIRA MOÇA – Limpa de corpo e roupa, / ao saíres de casa para tuas bodas.

(Vão saindo)

SEGUNDA MOÇA – Já sais de tua casa, / vais para a igreja!

CRIADA – A brisa espalha flores / pelas areias!

TERCEIRA MOÇA – Ai. branca menina!

CRIADA – Ar escuro enfeita tua mantilha.

(Saem. Ouvem *-se* guitarras, castanholas e pandeiros. Leonardo e sua mulher ficam sós.)

MULHER – Vamos.

LEONARDO – Pra onde?

MULHER – Pra igreja. Mas não a cavalo. Comigo.

LEONARDO – De carro?

MULHER – De quê, então?

LEONARDO – Não sou homem de ficar andando em carros.

MULHER – E eu não sou mulher de ir sem marido a um casamento. Já não agüento mais!

LEONARDO – E eu também não!

MULHER – Por que me olha assim? Você tem um espinho em cada olho.

LEONARDO – Vamos!

MULHER. – Não sei o que está acontecendo. Mas penso, e não quero pensar. Só sei de uma coisa: me jogaram fora. Mas tenho um filho. E outro que vem. Vamos indo. O mesmo destino de minha mãe. Mas daqui eu não me movo.

(Vozes fora.)

VOZES – Ao saíres de casa,
branca donzela.
recorda-te que sais
como uma estrela.

MULHER *(chorando)* – "Recorda-te que sais como uma estrela!" – Foi assim que saí da minha casa: o campo inteiro me cabia na boca.

LEONARDO *(levantando-se)* – Vamos.

MULHER – Mas comigo!

LEONARDO – É. *(Pausa.)* Vai andando! *(Saem.)*

VOZES – Ao saíres de casa para a igreja recorda-te que sais como uma estrela.

CAI O PANO, LENTAMENTE

QUADRO II

Exterior da *cueva* da noiva. Cores branco-acinzentadas e azul-frias.

CRIADA (arrumando copos e bandejas em uma mesa) –

Girava,
girava a roda
e a água passava.
Porque chegam as bodas
que se apartem as ramas
e que a lua adorne
Tua branca varanda.

(Em voz alta)

Ponha as toalhas!
Cantavam,
cantavam os noivos
e a água passava.
Já que chegam as bodas
Que rebrilhe a geada
e se encham de mel
as amêndoas amargas.

(Em voz alta)

Prepare o vinho!
Galante cigana da terra
olha como a água passa.
Pois chegam tuas bodas
Recolha tua saia
e sob as asas do noivo
nunca mais saias de casa.
Porque o noivo é como um pombo,
com o peito todo de brasa
e o campo espera o rumor
do sangue a se derramar.
Girava.
girava a roda e a água passava.
Já que chegam tuas bodas
deixa então que brilhe a água.

MÃE *(entrando)* – Até que enfim!

PAI – Somos os primeiros?

CRIADA – Não. Há pouco chegou Leonardo com a mulher. Correram como o diabo. A mulher estava morta de medo.

PAI – Esse daí 'tá procurando desgraça. Não tem bom sangue.

MÃE – E que sangue podia ter? O mesmo da família toda – gentalha de faca pronta e de sorriso falso.

PAI – Não ligue pra ele.

CRIADA – Como é que não vai ligar?

MÃE – Isso me dói até a ponta das veias. Olho pra cada um deles e só vejo a mão com que mataram o que era meu. Está me vendo assim? Não pareço louca? Louca, sim, por não ter gritado tudo o que meu peito precisa. Trago no peito um grito sempre de pé, que tenho de castigar e esconder entre os mantos. (*Tira o manto*.)

PAI – Hoje não é dia de lembrar essas coisas.

MÃE – Tenho que desabafar. E hoje mais do que nunca. Porque vou ficar só, na minha casa.

PAI – Mas depois vai ter companhia.

MÃE – Essa é a minha ilusão: os netos.

(Sentam-se.)

PAI – Eu quero que tenham muitos. Esta terra precisa de braços que não sejam pagos. Pra lutar com as ervas ruins, com os cactos, com o cascalho que aparece não se sabe de onde. E esses braços têm que ser dos donos, que castiguem e que dominem, que façam brotar as sementes. É preciso muitos filhos.

MÃE – E ao menos uma filha! Os varões são do vento! Têm por força, que usar armas. As meninas nunca saem à rua.

PAI *(alegre)* – Eu acho que vão ter de tudo.

MÃE – Meu filho vai cobrir bem a moça. É de boa semente. O pai dele podia ter tido muitos filhos comigo.

PAI – Eu queria é que isso fosse pra amanhã. Que tivessem logo dois ou três homens.

MÃE – Mas não é assim. Demora muito. Por isso é que tão terrível ver o sangue da gente derramado pelo chão.

PAI – Agora você tem que esperar. Minha filha tem ancas largas e seu filho é forte.

MÃE – Espero que sim.

PAI – Prepare as bandejas de trigo!

CRIADA – Já estão prontas.

MULHER *(entrando com Leonardo)* – Que sejam felizes!

MÃE – Obrigada!

LEONARDO – Vai haver festa?

PAI – Pouca coisa. O pessoal não pode demorar.

CRIADA – Já estão chegando!

(Vão entrando convidados em grupos alegres. Entram os noivos, de braços dados. Leonardo sai.)

NOIVO – Nunca se viu tanta gente numa boda.

NOIVA *(sombria)* – Nunca.

PAI – Foi brilhante!

MÃE – Vieram famílias inteiras.

NOIVO – Gente que não saía de casa.

MÃE – Seu pai semeou muito e você está colhendo agora.

NOIVO – Tantos primos meus que eu já nem conhecia mais.

MÃE *(para a Noiva)* – No que está pensando?

NOIVA – Em nada.

MÃE – As bênçãos pesam muito.

(Ouve-se guitarras.)

NOIVA – Como chumbo.

MÃE *(forte)* – Mas não devem pesar. Você tem que ser leve como uma pomba.

NOIVA – A senhora fica aqui esta noite?

MÃE – Não. Minha casa está vazia

NOIVA – Mas devia ficar!

PAI – Olhe só o baile que arranjaram! Danças lá da beira do mar.

(Leonardo entra e senta-se. Sua Mulher atrás dele, em atitude rígida.)

MÃE – São os primos do meu marido. Duros como pedras pra dançar.

PAI – Mas gosto de ver tudo isso. Que mudança pra esta casa! *(Sai.)*

NOIVO *(para a Noiva)* – Gostou das flores de laranjeira?

NOIVA *(olhando-o fixamente)* – Gostei.

NOIVO – São todas de cera. Duram pra sempre. Gostaria que cobrissem todo o seu vestido.

NOIVA – Não fazem falta.

(Leonardo sai pela direita.)

PRIMEIRA MOÇA – Viemos pra tirar os seus alfinetes.

NOIVA *(ao noivo)* – Volto já.

MULHER – Espero que seja feliz com minha prima!

NOIVO – Tenho certeza que sim.

MULHER – Os dois, aqui; sem sair nunca e construindo a casa. Bem que eu queria viver longe assim!

NOIVO – E por que vocês não compram terras? Às do monte são baratas e lá os filhos se criam melhor.

MULHER – Não temos dinheiro. E do jeito que vamos…

NOIVO – Teu marido é bom trabalhador.

MULHER – É, mas gosta de variar demais. Ir de uma coisa pra outra. Não é homem tranqüilo.

CRIADA – Não tomam nada? *(Para a mulher)* Vou embrulhar umas roscas de vinho pra tua mãe, que ela gosta milito.

NOIVO – Ponha três dúzias.

MULHER – Não, não. Meia dúzia só chega.

NOIVO – Mas hoje é um dia especial

MULHER *(para a Criada)* – E Leonardo?

CRIADA – Não vi.

NOIVO – Deve estar como pessoal.

MULHER – Vou lá ver! *(Sai.)*

CRIADA – Aquilo lá está tão lindo!

NOIVO – E você, não dança?

CRIADA – Ninguém vem me tirar.

(Passam, ao fundo, duas moças: Durante todo este ato o fundo será um animado cruzar de figuras.)

NOIVO *(alegre)* – Não dá pra entender. As velhas salientes como você dançam melhor do que as moças.

CRIADA – Mas agora vai requebrar pro meu lado, menino? Que família! Machos de verdade! Quando era menina, vi as bodas de seu avó. Parecia o casamento de uma montanha!

NOIVO – Eu sou mais baixo que ele.

CRIADA – Mas tem o mesmo brilho nos olhos. E a menina?

NOIVO – Tirando os alfinetes pra dar às moças.

CRIADA – Ah. olhe: lá pra meia noite, como vocês não vão dormir mesmo, vou deixar umas fatias de presunto e uns copos grandes de vinho velho. Na despensa, embaixo. Se precisarem…

NOIVO *(sorrindo)* – Não como à meia-noite.

CRIADA *(com malícia)* – Se não quiser comer, a noiva come (*Sai*)

PRIMEIRO MOÇO *(entrando)* – Vem beber conosco

NOIVO – Estou esperando a noiva.

SEGUNDO MOÇO – Vai ficar com ela a madrugada toda!

PRIMEIRO MOÇO – Que é a melhor parte…

SEGUNDO MOÇO – Só um pouco, vem!

NOIVO – Vamos.

(Sai. Ouve-se grande algazarra. Entra a Noiva. Pelo lado oposto entram duas moças correndo ao seu encontro.)

PRIMEIRA MOÇA – A quem você deu o primeiro alfinete, a mim ou a ela?

NOIVA – Não me lembro.

PRIMEIRA MOÇA – Deu pra mim aqui mesmo.

SEGUNDA MOÇA. – Foi pra mim, na frente do altar.

NOIVA *(inquieta e com uma grande luta interior.)*– Eu não sei, não sei.

PRIMEIRA MOÇA – É que eu queria que você …

NOIVA *(interrompendo-a)* – Não me importa. Tenho muito o que pensar.

SEGUNDA MOÇA – Desculpa.

(Leonardo atravessa o fundo.)

NOIVA (vendo Leonardo) – E esses momentos são agitados…

PRIMEIRA MOÇA – Nós ainda não sabemos corno é…

NOIVA – Mas vão saber. Quando chegar sua hora. São passos que custam muito.

PRIMEIRA MOÇA – Ficou aborrecida?

NOIVA – Me desculpem.

SEGUNDA MOÇA – De quê? Mas os dois alfinetes servem pra casar, não é?

NOIVA – Os dois.

PRIMEIRA MOÇA – Só que uma se casa antes da outra.

NOIVA – Tem tanta vontade assim?

SEGUNDA MOÇA (envergonhada) – Muita.

NOIVA – Pra quê?

PRIMEIRA MOÇA – É que.. *(Abraçando a Segunda Moça. As duas saem correndo. Chega o Noivo e, muito devagar, abraça a Noiva por trás.)*

NOIVA *(com grande sobressalto)* – Me larga!

NOIVO – Tem medo de quê?

NOIVA – Ah! É você?

NOIVO – E quem podia ser? Teu pai ou eu.

NOIVA – É mesmo!

NOIVO – Só que teu pai te abraçaria mais de leve.

NOIVA *(sombria)*– Claro.

NOIVO *(abraça-a fortemente! de modo um pouco brusco)* – Porque é velho.

NOIVA *(secamente)* – Pára com isso!

NOIVO – Por quê? *(Deixa-a.)*

NOIVA – É que…essa gente toda… Podem ver.

(Torna a atravessar o fundo a Criada, que não olha para os noivos.)

NOIVO – E dai? Já é sagrado.

NOIVA – É sim, mas me deixa.

NOIVO – Que é que você tem? Parece assustada!

NOIVA – Não tenho nada. Não vá embora.

(Entra a Mulher de Leonardo.)

MULHER – Não quero interromper.

NOIVO – Diga.

MULHER – Meu marido passou por aqui?

NOIVO – Não.

MULHER – É que não o encontro e a cavalo também no está na cocheira.

NOIVO *(alegre)* – Deve ter ido galopar por aí.

(A Mulher sai, inquieta Entra a Criada.)

CRIADA – Não estão contentes com tantos cumprimentos?

NOIVO – Estou é querendo que isso acabe logo. A noiva está um pouco cansada.

CRIADA – Que é isto, menina?

NOIVA – É como se tivesse levado uma pancada na testa!

CRIADA – Uma noiva destes montes tem que ser forte. *(Ao Noivo)* Você e o único pode curá-la, porque agora ela é sua. *(Sai correndo.)*

NOIVO *(abraçando-a)*– Vamos dançar um instante. *(Beija-a.)*

NOIVA *(angustiada)* – Não. Queria me deitar um pouco na cama.

NOIVO – Fico lá com você.

NOIVA – Nunca! Com essa gente toda aqui? Que iriam dizer? Me deixa descansar um momento.

NOIVO – Como quiser. Mas não fica assim de noite!

NOIVA *(da porta)* – De noite vou estar melhor.

NOIVO – É isso que eu quero! (*Sai*).

(Aparece a Mãe.)

MÃE – Filho.

NOIVO – Por onde você andava?

MÃE – Nessa barulheira toda. Está contente?

NOIVO – Estou.

MÃE – E tua mulher?

NOIVO – Descansando um pouco. Mau dia para as noivas!

MÃE – Mau dia? O único bom. Pra mim foi como uma herança. *(Entra a Criada e vai para o quarto da Noiva.)* É a roçada da terra virgem, a plantação de árvores novas.

NOIVO – Você vai embora?

MÃE – Vou. Tenho que ficar na minha casa. Sozinha.

MÃE – Sozinha, não. Minha cabeça está cheia de coisas e de homens e de lutas.

NOIVO – Mas lutas que já não são lutas.

(A Criada entro rapidamente; desaparece correndo pelo fundo.)

MÃE – Enquanto se vive, se luta.

NOIVO – Como sempre, eu te obedeço.

MÃE – Com sua mulher, procure ser carinhoso, e se ficar arisca, faça-lhe uma carícia que machuque um pouco, um abraço forte, uma mordida e depois um beijo suave. Que ela não fique magoada, mas sinta que você é o macho, o patrão, aquele que manda. Foi assim que aprendi com seu pai, mas ele se foi e então sou eu que tenho que te ensinar essas valentias.

NOIVO – Farei sempre o que você mandar.

PAI (*Saindo*) – E minha filha?

NOIVO – Está lá dentro.

PRIMEIRA MOÇA – Que venham os noivos, pra dançarmos a quadrilha.

PRIMEIRO MOÇO *(ao Noivo)* – Você é que vai marcar.

PAI *(entrando)* – Aqui não está!

NOIVO – Como não?

PAI – Deve ter subido pra a varanda.

NOIVO – Eu vou ver! *(Sai.)*

(Ouvem-se guitarras e algazarra.)

PRIMEIRA MOÇA – Já começaram! *(Sai.)*

NOIVO *(entrando)* – Aqui não está.

MÃE *(inquieta)* – Não?

PAI – E onde será que foi?

CRIADA *(entrando)* – E a menina, onde está?

MÃE *(séria)* – Ninguém sabe.

(Sai o Noivo. Entram três convidados.)

PAI (*dramático*) – Mas não está no baile?

CRIADA – No baile, não.

PAI *(num repente)* – Tem muita gente lá! Vai ver!

CRIADA – Mas já vi!

PAI *(trágico)* – Então, onde está?

NOIVO *(entrando)* – Nada. Em lugar nenhum.

MÃE *(ao Pai)* – Mas o que é isso? Onde está tua filha?

(Entra a Mulher de Leonardo)

MULHER – Fugiram! Fugiram! Ela e Leonardo. No cavalo. Iam abraçados, como um relâmpago.

PAI – Não é verdade! Minha filha, não!

MÃE – Tua filha, sim! Fruto de mãe devassa e ele, ele também. Ele. Mas já é a mulher do meu filho!

NOIVO *(saindo)* – Vamos atrás deles! Quem tem um cavalo?

MÃE – Quem tem um cavalo já, depressa, quem tem um cavalo, que eu dou tudo o que tenho: meus olhos e até minha língua…

VOZ – Aqui tem um.

MÃE *(ao Filho)* – Anda. Atrás deles! Não. Não vá. Essa gente mata depressa, e bem. Mas vá, sim, corra, e eu atrás! *(Sai o Filho com dois moços.)*

PAI – Não pode ser ela. Deve ter se atirado no poço!

MÃE – Na água se atiram as honradas, as limpas, essa, não! Mas já é mulher do meu filho. Dois bandos! Agora aqui há dois bandos *(Entram todos.)* A minha família e a tua. Saiam todos daqui. Limpem o pó dos sapatos. Vamos ajudar meu filho. (O *povo separa-se em dois grupos.)* Fora daqui! Por todos os caminhos! Chegou outra vez a hora do sangue! Dois bandos. Você com o teu, e eu com o meu. Atrás deles! Atrás!

CAI O PANO

ATO III

Quadro I

LENH. 1 – E acharam os dois?

LENH. 2 – Não. Mas procuram por toda parte.

LENH. 3 – Logo vão encontrar.

LENH. 2 – Shhh!

LENH. 3 – Que é?

LENH. 2 – Parece que vêm chegando por todos os caminhos ao mesmo tempo

LENH. 1 – Quando a lua sair vão ver os dois.

LENH. 2 – Deviam deixá-los em paz.

LENH. 1 – O mundo é grande. Todos podem viver nele.

LENH. 3 – Mas vão matá-los.

LENH. 2 – É preciso seguir a inclinação; fizeram bem em fugir.

LENH. 1 – Estavam se enganando um ao outro e no fim o sangue foi mais forte.

LENH. 3 – O sangue!

LENH. 1 – É preciso seguir o caminho do sangue.

LENH. 2 – Mas sangue que vê a luz é tragado pela terra.

LENH. 1 – E daí? Melhor ser morto e sangrado que viver com sangue podre.

LENH. 3 – Silêncio!

LENH. 1 – Que é? Escutou alguma coisa?

LENH. 3 – Ouço os gritos, as rãs, a noite de emboscada.

LENH. 1 – Mas não se escuta o cavalo.

LENH. 3 – Não.

LENH. 1 – Agora, devem estar se amando.

LENH. 2 – O corpo dela era para ele, o corpo dele, para ela.

LENH. 3 – Estão atrás dele e vão matá-los.

LENH. 1 – Mas aí já terão misturado os seus sangues e serão dois cântaros vazios, dois riachos secos.

LENH. 2 – Há muitas nuvens e pode ser que a lua não venha.

LENH. 3 – O noivo os encontrará. Com lua ou sem lua. Eu o vi sair. Como uma estrela furiosa. A cara cor de cinza, marcada pela sina de sua raça.

LENH. 1 – Sua raça de mortos no meio da rua.

LENH. 2 – A lua já vem vindo!

Ai, lua que sais!
Lua das folhagens grandes
Encha de jasmins o sangue.

Ai, lua tola!
Lua de tão verdes folhas!
Prata no rosto da noiva.

Ai, lua insana!
Deixa ao amor a escura rama.

Ai, triste lua!
Deixa ao amor a rama escura.

LUA – Cisne redondo no rio,
Olho das catedrais,
Aurora fingida nas folhas
Sou! E não me escapam mais.
Quem se oculta? Quem soluça
Nas profundezas dos vales?
A lua deixa uma faca
Abandonada nos ares;
Que sendo forjada de chumbo
quisera ser ardor de sangue.
Deixai-me entrar! Venho fria
por paredes e cristais!
Abri telhados e peitos
Onde possa acalentar-me
Tenho frio! Minhas cinzas
dos mais sonolentos metais
buscam a crista do fogo
pelos montes e cidades.
Porém carrega-me a neve
sobre seu dorso de jade
e me congela a dura e fria
água dos poços estanques.
Pois nesta noite terão
Minhas faces rubro sangue
E os juncos enlaçados
Nas gigantes patas do ar.
Não haja sombra ou emboscada!
Não poderão escapar!

Pois eu quero entrar em um peito
Onde possa acalentar-me!
Um coração para mim! Bem quente!
Bem quente! Que se derrame
Pelos montes de meu peito;
Deixai-me entrar, ai, deixai-me!
Não quero sombras. Meus raios
Hão de entrar por toda parte
E haja nos troncos escuros
Um rumor de claridade.
Para que tenham esta noite
Doce sangue minhas faces
E o são juncos enlaçados
Nas gigantes patas do ar.
Quem se oculta? Já pra fora!
Não poderão ir adiante.
Farei brilhar no cavalo
uma febre de diamante.

MENDIGA – A lua vai embora e eles vêm vindo. Daqui não passam. O rumor do rio apagará, com o rumor dos troncos, o desgarrado vôo de seus gritos. Vai ser aqui, e logo. Estou cansada. Caixões se abrem e seus brancos fios esperam, estendidos pela alcova, corpos pesados de colo ferido. Não desperte um só pássaro e que a brisa, recolhendo em seu manto esses gemidos, fuja com eles pelas negras copas, ou os enterre pelo branco limo. Essa lua! Essa lua!

LUA – Estão chegando. Uns, pelo vale e o outro, pelo rio.Vou clarear as pedras. Quer alguma coisa?

MENDIGA – Nada.

LUA – O ar vem vindo como um punhal de duplo fio.

MENDIGA – Ilumine as jaquetas e separe os botões, que depois as navalhas já sabem o caminho.

LUA – Mas que morram bem devagar. E que seu sangue escorra murmurando entre meus dedos. Meus vales de cinza despertam na ânsia desta fonte de jorro estremecido.

MENDIGA – Não deixe que passem do riacho. Silêncio!

LUA – Vêm vindo! (*Sai*).

MENDIGA – Depressa! Muita luz!

Entram o Noivo e um rapaz.

RAPAZ – Acho que foram por outro caminho.

NOIVO – Eu ouvi o galope agora mesmo.

RAPAZ – Podia ser outro cavalo.

NOIVO – Escuta: só existe um cavalo no mundo, e é este! Está vendo este braço? Pois não é o meu braço – é o braço do meu irmão e do meu pai e de toda a minha família que está morta. E tem tanta força que é capaz de arrancar esta árvore pela raiz.

RAPAZ – Isso é uma caçada.

NOIVO – A maior de todas! Sinto os dentes de todos os meus cravados aqui.

O rapaz sai. O Noivo tropeça na mendiga.

MENDIGA – Ai!

NOIVO – O que você quer?

MENDIGA – Tenho frio?

NOIVO – Pra onde vai?

MENDIGA – Pra longe…

NOIVO – E de onde vem?

MENDIGA – Dali. De muito longe…

NOIVO – Viu um homem e uma mulher montados num cavalo?

MENDIGA – Espere! Que ombros largos… por que não prefere ficar deitado neles, em vez de andar sobre a planta dos pés?

NOIVO – Perguntei se viu os dois! Passaram por aqui?

MENDIGA – Não está ouvindo?

NOIVO – Estão descendo a colina.

MENDIGA – Vamos por ali!

LENHADORES – Ai, morte que sais!
Morte das folhagens grandes
Não abras o jorro de sangue!
Ai, morte tola!
Morte de tão secas folhas!
Não cubras de flores as bodas!
Ai, triste morte!
Deixa ao amor a rama verde.
Ai, morte insana!
Deixa ao amor a escura rama.

Saem. Aparecem Leonardo e a Noiva.

LEONARDO – Quieta!

NOIVA – Daqui por diante eu vou só. Não me espere!

LEONARDO – Fica quieta!

NOIVA – Com os dentes, com as mãos, como seja
Tira do meu colo honrado o metal dessa cadeia

E me deixa enclausurada lá no meu canto de terra.
E se não quer me matar como à víbora pequena
Põe em meus dedos de noiva
O gatilho da escopeta.
Ai, que lamento, que fogo
Me sobe pela cabeça.
Que vidros cravam minha língua presa!

LEONARDO – Já demos o passo. Quieta!
Porque nos seguem de perto
e eu vou te levar comigo.

NOIVA – Só se for à força!

LEONARDO – À força? Mas quem desceu primeiro os degraus da escada?

NOIVA – Fui eu que desci.

LEONARDO – E quem pôs rédeas novas no cavalo?

NOIVA – Eu mesma pus.

LEONARDO – E as esporas?
Que mãos as me entregaram?

NOIVA – As minhas mãos que são tuas
Mas que ao te ver bem quiseram
Quebrar os ramos azuis
E os murmúrios de tuas veias.
Te amo! Te amo! Vai embora!
Que se te matar eu pudesse
te faria uma mortalha
Com franjas de violetas.
Ai, que lamento, que fogo
Me sobe pela cabeça.

LEONARDO – Que vidros cravam minha língua presa!
Bem que tentei te esquecer
E pus um muro de pedra
Entre tua casa e a minha.
Mas eu montava a cavalo
E ele ia à tua janela.
Com alfinetes de prata
Meu sangue se fez água negra.
E os sonhos fizeram brotar
Erva má em minha carne.
Juro que não tenho culpa
Que a culpa é toda da terra
E do perfume que exalam
Os teus seios e teus cabelos.

NOIVA – Deixei um homem honrado

E toda sua descendência
No meio de nossas bodas
De grinalda em minha testa.
O castigo será teu,
Mas não quero que seja.
Me deixa! Foge!
Não há ninguém que te defenda.

LEONARDO – Os pássaros da manhã
Pelas árvores se quebram
Vamos a um recanto escuro
Onde pra sempre eu te queira.
Já não me importa essa gente
Nem o veneno que deita.

Abraça-a com força.

NOIVA – E eu dormirei a teus pés
Para guardar os teus sonhos.
Nua, quieta, olhando o campo.
Como se fosse uma cadela.
Isso é o que eu sou! Pois só de te olhar
Me queima tua beleza.

LEONARDO – Fogo com fogo se abrasa.
A mesma chama pequena
mata dois juncos unidos.
Vamos!

NOIVA – Pra onde me leva?

LEONARDO – Pra onde não possam chegar
Esses homens que nos cercam.
Onde eu possa te olhar.

NOIVA – Me leva de feira em feira,
Dor de uma mulher honrada.
Pra que todos me vejam
Trazendo os lençóis das bodas
Pelo ar como bandeiras.

LEONARDO – Eu também te deixaria
Se pensasse como eles.
Mas vou contigo aonde for.
Você também. Dá um passo. Tenta!
Raios de lua fundem
Minha cintura a teu ventre.

NOIVA – Vem gente! Foge!
É justo que aqui me esqueça.

E que eu morra com os pés dentro dágua
E espinhos em minha testa.
Que chorem por mim as folhas
Mulher perdida e donzela.

LEONARDO – Vai na frente. Anda!

NOIVA – Os dois juntos!

LEONARDO – Só nos separam se eu já estiver morto.

NOIVA – E eu, morta.

(Saem abraçados. Aparece a lua muito devagar. O palco recebe uma forte luz azul Ouvem-se os dois violinos. Bruscamente ouvem-se dois longos gritos desgarrados, e corta-se a música dos violinos. Ao segundo grito aparece a Mendiga e fica de costas. Abre o manto e fica no centro como um grande pássaro de asas imensas. A Lua pára. O pano desce em meio a uni silêncio absoluto.)

CAI O PANO

ÚLTIMO QUADRO

Sala branca com arcos e paredes grossas. Duas moças vestidas de azul-escuro estão enovelando uma meada encarnada.

MENINA [1] – Novelo, novelo,
que queres fazer?
Jasmim de vestido,
cristal de papel.
nascer pelas quatro
morrer pelas dez.
Ser fio de lã
corrente a teus pés.
E laço que aperte
amargos lauréis.

MENINA [2] – Novelo, novelo.
que queres cantar?
Feridas de cera,
Dor de mirtal,
Dormir de manhã,
de noite velar.

MOÇA – Foste às bodas?

MENINA – Não.

MOÇA – Eu também não fui.

MENINA – Que será que aconteceu
pelos ramos da videira?
Que será que aconteceu
pelos galhos da oliveira?

MOÇA – Que será que aconteceu
Que ninguém voltou?

MENINA [3] – O fio tropeça
nas pedras e caí.
Os montes azuis
o deixam passar –
Corre, corre, corre,
chegando afinal
para enterrar a faca
e extrair o pão.

MOÇA – Já estão vindo.

(Aparecem a Mulher e a Sogra de Leonardo. Chegam angustiadas)

MOÇA – O que contam das bodas?

SOGRA *(secamente)* – Nada.

MULHER – Quero voltar, pra saber de tudo.

SOGRA *(enérgica)* – Já pra casa!
Valente e só, em tua casa.
A envelhecer e a chorar
de porta fechada.
Nunca. Nem morto nem vivo.
Vamos pregar as janelas
E caiam chuvas e noites
por sobre as ervas amargas

MULHER – Que aconteceu?

SOGRA – Não importa. Vá botar um véu na cara.Teus filhos, teus filhos são. De ninguém mais. Sobre a cama desenha uma cruz de cinzas no lado que ele deitava.

(Saem.)

MENINA [4] – Novelo, novelo,
que queres dizer?
Amante sem fala.
Noivo carmesim.
Na margem calada.
caídos eu vi.

MENDIGA *(da porta)* – Um pedaço de pão, filha.

MENINA – Fora!

MENDIGA – Por quê?

MENINA – Porque você geme, fora!

MOÇA – Menina!

MENDIGA – Podia pedir teus olhos! Uma nuvem de pássaros me segue: não quer um?

MENINA – Quero ir embora!

MOÇA – Veio pelo caminho do riacho?

MENDIGA – Venho de lá.

MOÇA *(tímida)* – E posso perguntar…

MENDIGA – Eu os vi; logo chegam; são dois rios quietos, enfim, por entre as pedras grandes. São dois homens nas patas do cavalo. Mortos no meio do esplendor da noite. *(Deliciada)* Mortos, sim, mortos!

MENINA – Chega, velha! Chega!

MENDIGA – Seus olhos, flores murchas, e seus dentes dois punhados de neve endurecida. Os dois caíram; só voltou a noiva, tingida de sangue, cabelos e saia. Estão vindo, cobertos por dois mantos, nos ombros fortes de rapazes altos. Foi assim: nada mais. Tinha que ser. Por sobre a flor do ouro, areia suja.

(Sai. As moças vão saindo.)

MENINA – Areia suja.

MOÇA – Por sobre a flor do ouro.

MENINA – Por sobre a flor do ouro
trazem os mortos do riacho.
Tão moreno um…
tão moreno o outro…
Que rouxinol de sombra
voa e geme
por sobre a flor do ouro?

(Sai. O palco fica vazio. Aparecem a Mãe e a Vizinha, que vem chorando.)

MÃE – Quieta!

VIZINHA – Não posso.

MÃE – Quieta, já disse. *(A porta)* Não há ninguém aqui? *(Põe as mãos na testa.)* Meu filho devia me responder. Mas meu filho já é um punhado de flores secas. *(Com raiva, para a Vizinha)* Tira as mãos do rosto. Tuas lágrimas são lágrimas dos olhos, nada mais. Mas as minhas virão quando eu ficar sozinha, da planta dos meus pés e serão mais ardentes que o sangue. Quieta! Temos dias terríveis pela frente.

VIZINHA – Venha para minha casa. Não fique aqui.

MÃE – Aqui. Quero ficar aqui. E tranqüila. Já todos estão mortos. Posso dormir sem me aterrar com a espingarda ou a faca. As outras mães ficarão esperando na chuva pra verem os rostos de seus filhos. Eu não. Vou fazer com meu sonho uma pomba fria de marfim que leve camélias de geadas para o cemitério. *(Entra uma mulher de negro que se dirige para a direita e ali se ajoelha.)* Não quero ver ninguém! A terra e eu. Meu pranto e eu. E estas quatro paredes! E estas quatro paredes! E estas quatro paredes! *(Senta-se em transe.)*

VIZINHA – Não seja tão cruel consigo mesma.

MÃE – Vou ficar calma. Não quero que me vejam tão pobre. Tão pobre. Uma mulher que não tem um filho sequer pra poder beijar.

(Aparece a Noiva. Vem sem flores de laranjeira e com um manto negro.)

VIZINHA *(Vendo a Noiva. Com raiva)* – Aonde pensa que vai?

NOIVA – Vim pra cá.

MÃE *(para a Vizinha)* – Quem é?

VIZINHA – Não reconhece?

MÃE – Por isso pergunto quem é. Porque não posso reconhecer, pra não fincar meus dentes no pescoço dela. Víbora! *(Dirige-se para a Noiva com um gesto fulminante; pára. À Vizinha)* Não me entendo. Fica ai, chorando, e eu quieta sem lhe arrancar os olhos. Será que eu não amava meu filho? Mas e tua honra? Onde está tua honra? *(Bate na Noiva, que cai no chão.)*

VIZINHA – Pelo amor de Deus! *(Tenta separá-las.)*

NOIVA *(para a Vizinha)* – Deixa! Vim aqui para que ela me mate e para que me levem com eles. *(À Mãe)* Mas não com as mãos; com ganchos de ferro e com força até que se quebrem meus ossos. *(A Vizinha)* Deixa! Quero que ela saiba que estou limpa e que podem me enterrar sem que homem nenhum tenha se olhado no branco dos meus peitos.

MÃE – Que me importa isso?

NOIVA – Porque eu fugi com o outro, fugi! Você também teria ido. Eu era uma mulher ferida pelo fogo e teu filho era um pouquinho de água de quem eu esperava filhos, terra, saúde: mas o outro era um rio escuro, cheio de ramagens, de onde me chegava o sussurro dos juncos e um murmúrio abafado. Eu corria com teu filho, que era como um riozinho de água fria, mas o outro mandava centenas de pássaros, que derramavam orvalho nas chagas de uma mulher acariciada pelo fogo. Eu não queria ouviu bem? Eu não queria! Teu filho era o meu fim, e eu não o traí, mas o braço do outro me arrastou como a correnteza do mar!

(Entra uma vizinha.)

MÃE – Ela não tem culpa, nem eu! *(Sarcástica)* De quem é a culpa, então? Mulher fraca e sem brio é a que arranca uma grinalda pra ir atrás de um pedaço de cama esquentado por outra mulher!

NOIVA – Nunca mais repita isso! Vingue-se de mim: estou pronta. Olha o meu pescoço, é macio; vai dar menos trabalho que cortar unia dália do seu jardim. Mas o que disse, nunca! Honrada. Honrada como uma recém-nascida. Acende o fogo, e vamos botar as mãos: você, por teu filho e eu, por meu corpo. Vai tirar as suas antes.

(Entra outra vizinha.)

MÃE – Mas que me importa a tua honra? Que me importa a tua morte? Que me importa nada de nada? Benditos sejam os trigos, porque meus filhos estão debaixo deles; bendita seja a chuva, porque molha a cara dos mortos. Bendito seja Deus, que nos estende juntos para descansar.

(Entra outra vizinha.)

NOIVA – Deixa eu chorar com você.

MÃE – Chora sim. Mas lá na porta.

(Entra a Menina. A Noiva fica na porta. À Mãe, no centro do palco.)

MULHER *(entrando e dirigindo-se para a esquerda)* –
Era bom cavaleiro
e agora é um monte de neve.
Corria feiras e montes
e braços de mulheres.
Agora, o musgo da noite
é coroa em sua fronte.

MENINA – Corre o fio, corre.
Corre até aqui.
Cobertos de barro
Já os sinto vir.
Corpos estirados,
panos de marfim!

MÃE – Girassol de tua mãe
espelho desta terra.
Que ponham no teu peito
cruz de amargura que espeta;
e a água forme um pranto
entre tuas mãos tão quietas.

MULHER – Ai, que quatro rapazes
Chegam de ombros cansados!

NOIVA – Ai, que quatro rapazes
De morte vêem carregados.

MÃE – Vizinhas.

MENINA *(da porta)* – Já chegaram.

MÃE – Tanto faz.
A cruz, a cruz!

MULHERES – Doces cravos,
doce cruz,
doce nome

de Jesus.

NOIVA – Que esta cruz ampare a mortos e vivos.

MÃE – Vizinhas: com uma faca,
uma faquinha,
que some dentro da mão,
em um dia assinalado,
se mataram estes dois homens do amor.

NOIVA – Com uma faca,
uma faquinha
que some dentro da mão,
em um dia assinalado,
dois homens ficam caídos
com os lábios amarelos.

MÃE – Que some dentro da mão
mas como penetra fria
pelas carnes assombradas!
E pára ali, bem no abrigo
onde treme emaranhada
a obscura raiz do grito.

(As vizinhas, ajoelhadas no chão, choram.)

CAI O PANO

Este livro foi distribuído cortesia de:

Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:
http://portugues.Free-eBooks.net

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente, selecionando uma das opções abaixo:

Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas, nós apreciaríamos se você
"postar um comentário para este livro aqui" .

Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimento de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

http://portugues.free-ebooks.net/tos.html